

## AVALIAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS DE 6 A 12 MESES<sup>1</sup>

EVALUATION OF THE DEVELOPMENT OF CHILDREN 6 TO 12 MONTHS

Andreza Mourão LOPES<sup>2</sup> e Janari da Silva PEDROSO<sup>3</sup>

### RESUMO

**Objetivo:** avaliar o desenvolvimento de crianças em um ambiente institucional. **Método:** foram avaliadas quatro crianças, utilizando-se a Escala de Desenvolvimento do Comportamento da Criança – EDCC para conhecer como essas crianças estão em relação às habilidades motoras, cognitivas e sociais, esperadas para a sua faixa etária. A pesquisa utilizou-se de prontuários para a caracterização das crianças e a escala. **Resultados:** detectou-se que 100% das crianças apresentaram um bom desenvolvimento, tanto no comportamento motor quanto psicológico. Observou-se que em alguns comportamentos que necessitavam de estimulação, as crianças não alcançaram êxito na realização dos comportamentos, principalmente os referentes à utilização dos membros superiores, a linguagem e a interação social. **Conclusão:** acredita-se que o contexto do abrigo pode ser um bom ambiente que propicia o desenvolvimento infantil, mas o acompanhamento dessas crianças torna-se indispensável para a prevenção de possíveis atrasos na vida adulta.

**DESCRITORES:** desenvolvimento infantil, comportamento, abrigo.

### INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do comportamento da criança está interligado com o ambiente ao qual está inserida e acredita-se que o mesmo deva favorecer espaços que ofereçam interações sociais, cuidados, educação e principalmente afeto. Esse contexto onde geralmente a criança desenvolve-se é o familiar, porém podem ocorrer alguns fatores, como: negligência, abandono, maus tratos, violência, etc, que direcionam a criança ao acolhimento institucional. Os autores estudiosos da temática da institucionalização divergem no que diz respeito ao contexto, apresentar-se “bom” ou “ruim” para o desenvolvimento da criança.<sup>5,6,11</sup>

Para Carvalho (2002)<sup>5</sup>, o ambiente institucional não se constitui no melhor ambiente de desenvolvimento, pois fatores como: o atendimento padronizado, o alto índice de criança por cuidador, a falta de atividades planejadas e a fragilidade das redes de apoio social e afetivo são alguns dos aspectos relacionados aos prejuízos que a vivência institucional pode operar no indivíduo. Entretanto, outros estudos apontam as oportunidades oferecidas pelo atendimento em uma instituição, salientando que, em casos de situações ainda mais adversas na família, a instituição pode ser a melhor saída.<sup>6,11</sup>

Diante da possibilidade do contexto da institucionalização ser um ambiente com fatores de risco ou

<sup>1</sup> Pesquisa realizada no Espaço de Acolhimento Infantil - EAPI, na cidade de Belém/Pa.

<sup>2</sup> Graduada em Terapia Ocupacional da Universidade do Estado do Pará/UEPA. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal do Pará- UFPA

<sup>3</sup> Psicólogo graduado pela Universidade da Amazônia/UNAMA. Doutor pela Universidade Federal do Pará- UFPA. Professor da Faculdade de Psicologia e do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Pará-UFPA

proteção ao desenvolvimento, torna-se indispensável a discussão acerca de instrumentos que avaliem o desenvolvimento. A Escala do Desenvolvimento do Comportamento da Criança – EDCC é uma escala de observação interativa, de fácil aplicação e avaliação, que foi especialmente estruturado para a observação do desenvolvimento do comportamento de crianças de um a doze meses, que considera os grupos de comportamentos mais significativos nesta faixa etária e fornece uma indicação do ritmo e uma avaliação qualitativa do processo de desenvolvimento do comportamento da criança.<sup>10</sup>

Outro fator determinante é o fato da EDCC ter uma padronização cuidadosa, realizada com crianças brasileiras sadias, nascidas a termo e sem fatores de risco para o desenvolvimento do comportamento.

Logo, a atenção direcionada a avaliação da criança em acolhimento institucional, deve ser primordialmente voltada para as suas particularidades no desenvolvimento e não os déficits encontrados em função da comparação com crianças e adolescentes que se desenvolvam dentro do padrão esperado.

## **OBJETIVO**

Descrever e analisar uma avaliação, utilizando-se a EDCC com crianças de 6 a 9 meses, realizada em um ambiente institucional localizado na cidade de Belém/PA.

## **MÉTODO**

É um estudo do tipo descritivo e exploratório, realizado em uma instituição de acolhimento infantil na cidade de Belém/PA, no período de dois meses (agosto a outubro de 2012).

### **Participantes:**

Na instituição onde foi realizada a pesquisa o número total de crianças era de 53, com idade entre zero a 6 anos, porém com a faixa etária escolhida para a pesquisa só haviam quatro crianças.

Participaram do estudo quatro crianças do sexo masculino, com a faixa etária entre 6 a 9 meses de idade e com o tempo de acolhimento entre 2 a 6 meses. Os motivos de entrada na instituição foram categorizados como: abandono, negligência familiar e genitores usuários de drogas lícitas e ilícitas.

Os critérios de seleção foram por escolha intencional, visto que essas crianças eram os únicos na instituição dentro da faixa etária estabelecida pela pesquisa. Essas crianças foram selecionadas por não apresentarem disfunção neurológica e pela previsão de maior tempo de permanência no abrigo.

### **Instrumentos:**

Foi utilizada a EDCC e uma ficha de caracterização reformulada retirada da pesquisa de Cavalcante (2008)<sup>6</sup>. Essa ficha incluiu itens como: identificação pessoal, questões socioeconômicas da família de origem, motivos para a entrada na instituição, o tempo de convivência familiar e habilidades esperadas para faixa etária de 6 a 12 meses.

A EDCC avalia 64 comportamentos, distribuídos mês a mês e em faixas etárias de zero a 2 meses, de 3 a 5 meses, de 6 a 8 meses e de 9 a 12 meses.

Para este estudo foi utilizada a escala a partir dos 6 meses de idade em diante. Os comportamentos contidos na escala são os motores, cognitivos e sociais avaliados em diferentes atividades, os quais podem ser estimulados ou espontâneos.

O comportamento da criança é considerado quanto aos eixos somáticos e quanto à estimulação. Os eixos somáticos são relativos ao comportamento axial (tronco) e ao comportamento apendicular (membros). Quanto à estimulação, Pinto (1997)<sup>10</sup> considerou o comportamento motor estimulado (depende do estímulo para realizar o comportamento) e o comportamento motor espontâneo (não depende do estímulo para realizar o comportamento).

O comportamento em atividades engloba tarefas que avaliam a comunicação da criança com o seu meio, o comportamento cuja exteriorização indica uma determinação de contato e comunicação na interação da criança com outra pessoa (comunicativo), e o comportamento que não mostra tal determinação (não comunicativo).

Durante o processo de avaliação, se a criança realiza a tarefa, ele recebe um sinal de positivo para aquele comportamento e, se não realiza, ele recebe um sinal de negativo. Quando não é possível testá-lo, o criança recebe um “x” para esse item.

### **Procedimentos da pesquisa:**

Este estudo faz parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado intitulada: Atendimento de

bebês em acolhimento institucional: estudo de casos múltiplos. Inicialmente, teve a aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pará, com a autorização através do número: 157.173 assim como a autorização judicial da comarca responsável legalmente pelas crianças e da Secretaria de Desenvolvimento do Estado responsável pela gestão da instituição. Através dessas autorizações o termo de consentimento foi ausente devido a tutela das crianças participantes pertencerem ao Estado.

Posteriormente, foi realizado o processo de ambientação ao espaço e aos participantes pela pesquisadora para o reconhecimento da rotina das crianças, e o acesso aos prontuários para a aquisição dos dados relevantes para o estudo. A aplicação da escala foi realizada pelo professor orientador do estudo (psicólogo) no espaço da sala de estimulação da instituição, no horário que as crianças já frequentavam o local para que não houvesse mudança na rotina. Assim como, utilizaram-se brinquedos de maneira lúdica para que as crianças sentissem-se a vontade com a pesquisadora para serem observados e estimulados.

A análise e interpretação dos dados foram feitas de maneira exploratória e descritiva, evidenciando-se

os resultados obtidos na escala e a análise individual de cada criança, através do uso de tabelas explicativas dos resultados obtidos.

## RESULTADOS

Inicialmente foi realizada a caracterização dos participantes da pesquisa, através do uso de uma tabela para exemplificar dados extraídos dos prontuários das crianças e posteriormente foram analisados os resultados da escala.

As crianças desse estudo foram denominadas como: C1, C2, C3, e C4. A tabela 1 apresenta os resultados da coleta das informações a partir dos documentos das crianças. A caracterização das crianças demonstra que, a maioria foi abandonada ou negligenciada por seus pais. Todas as mães eram usuárias de alguma droga: álcool, maconha, crack, etc. O tempo médio das crianças em acolhimento institucional varia de 2 a 6 meses e todas apresentaram algum problema de saúde detectado na hora do nascimento ou quando da entrada na instituição, como sífilis congênita, desnutrição, infecção por áscaris lumbricoides.

**Quadro 1** - Caracterização psicossocial das crianças avaliadas, através dos prontuários localizados na instituição de acolhimento infantil em Agosto de 2012.

Nome da criança	Idade	Idade de entrada no abrigo	Tempo de acolhimento	Motivo da entrada	Mãe usuária de drogas	Presença de doenças
C1	6 M	16 D	6 M	A	Sim	Sim
C2	6M	4 M	2 M	A	Sim	Sim
C3	9 M	7 M	2 M	Ne	Não	Sim
C4	6 M	13 D	6 M	A	Sim	Sim

M: meses; D: dias; A: abandono; Ne: Negligência

Fonte: Prontuários.

No quadro 2 serão expostos os resultados da aplicação da EDCC, através da demonstração dos conceitos obtidos pelas crianças nos oito grupos de comportamentos. Vale ressaltar que em relação as ações que aparecem em todas as faixas etárias estão no limiar de tolerância de serem realizados.

**Quadro 2-** Caracterização dos comportamentos das crianças avaliados na instituição de acolhimento infantil a partir da EDCC, em Agosto de 2012.

<b>Crianças</b>	<b>C1</b>	<b>C2</b>	<b>C3</b>	<b>C4</b>
<b>Axial Espontâneo Não Comunicativo</b>	Excelente	Excelente	Bom	Excelente
<b>Axial Espontâneo Comunicativo</b>	De Risco	Bom	Bom	Bom
<b>Axial Estimulado Não Comunicativo</b>	Bom	De Risco	Não existem comportamentos para essa faixa etária.	Bom
<b>Axial Estimulado Comunicativo</b>	Bom	Bom	Bom	De Risco
<b>Apendicular Espontâneo Não Comunicativo</b>	Bom	Bom	Bom	De Risco
<b>Apendicular Espontâneo Comunicativo</b>	Excelente	Excelente	Excelente	Excelente
<b>Apendicular Estimulado Não Comunicativo</b>	Excelente	Bom	Bom	Bom
<b>Apendicular Estimulado Comunicativo</b>	Bom	Bom	Com Atraso	Bom

Fonte: EDCC

## DISCUSSÃO

Pode-se inferir a partir dos resultados expostos no quadro 2, que todas as crianças participantes do estudo alcançaram o conceito bom da escala. A maioria dos comportamentos não realizados são classificados como de aparecimento, o que evidencia que as crianças ainda alcançarão essas habilidades no decorrer do desenvolvimento.

Diante dos resultados expostos, pode-se observar que as crianças C1, C2, C3 e C4 apresentaram um bom desenvolvimento tanto do comportamento motor quanto psicológico, porém é necessário um acompanhamento das crianças em instituições por profissionais e cuidadoras para a observação da influência desses contextos. Porém nem sempre este acompanhamento é possível, visto que, geralmente as crianças permanecem por pouco tempo na instituição devido estarem no estágio de vida preferido pelas famílias brasileiras, para o processo de adoção, que é até os dois anos de idade.

Ao observarem-se detalhadamente os resultados, pode-se perceber que, a criança C1 precisa de um melhor acompanhamento no quesito axial espontâneo comunicativo, axial estimulado comunicativo, apendicular estimulado comunicativo, no que se refere aos comportamentos que envolvem o desenvolvimento da linguagem e interação social.

O bebê C2 no axial espontâneo comunicativo e apendicular estimulado comunicativo, que envolvem comportamentos de linguagem e interação social.

O bebê C3 no axial estimulado comunicativo e apendicular estimulado comunicativo, que diz respeito ao comportamento de interação social. O bebê C4 apresentou maior dificuldade na realização dos comportamentos axial estimulado comunicativo, no apendicular espontâneo não comunicativo e apendicular estimulado comunicativo; que dizem respeito a comportamentos de interação social e movimentação dos membros superiores.

No quadro I, pode-se observar seis variáveis que influenciam diretamente no conhecimento da história da criança, são elas: idade, idade de entrada no abrigo, tempo de acolhimento, motivo da entrada na instituição, mãe usuária de drogas e presença de doenças. Autores citados a seguir, em seus estudos, já evidenciaram esses fatores na caracterização de crianças acolhidas institucionalmente.

Para corroborar esses achados, segundo o relatório de pesquisa da justiça infanto-juvenil fornecido pelo Conselho Nacional de Justiça – CNJ (CNJ-IPEA, 2012), em que as principais causas de acolhimento no Brasil ocorrem distribuídas da seguinte forma: 20% por negligência, 16% por abandono e 14% porque os pais ou responsáveis são alcoolistas ou dependentes químicos.

Outro fator relevante visto na caracterização das crianças é a utilização de drogas, que merece atenção por figurar como experiência pré-natal que pode afetar negativamente o desenvolvimento do cérebro da criança pequena.<sup>4,8,9</sup>

Um estudo realizado por Bayley (1993)<sup>4</sup>, demonstrou que crianças expostas a drogas no período pré-natal apresentaram desempenho abaixo da média para a escala mental, em relação a outras crianças da mesma idade e que a pontuação total referente a escala de comportamento ficou entre os percentis não ótimo e questionável.

Assim como nos estudos citados anteriormente, esta pesquisa trouxe um recorte da realidade dos abrigos sendo todos os participantes do sexo masculino, com um tempo significativo de permanência na instituição e a questão da vulnerabilidade.

No que diz respeito a análise da EDCC e a literatura, os resultados dos comportamentos das crianças C1 e C2, são corroborados com o estudo de Anzanello (2010)<sup>2</sup>, que no comportamento axial espontâneo comunicativo, trouxe em sua pesquisa utilizando-se da EDCC, que quanto ao desenvolvimento social nos abrigos, neste item, é possível verificar que 4,3% das crianças apresentaram “atraso” no desenvolvimento, 26% apresentaram comportamento “de risco” para o desenvolvimento, 22% apresentaram comportamento “regular”, 34,8% das crianças apresentaram comportamento “bom” e 13% das crianças avaliadas apresentaram comportamento “excelente”.

Ainda nesta pesquisa, Anzanello (2010)<sup>2</sup> detectou que no comportamento axial estimulado comunicativo em relação aos abrigos, 9% das crianças apresentaram “atraso”, 26% apresentaram “risco para atraso”, 22% das crianças apresentaram situação “regular” para este comportamento, 22% das crianças apresentaram o conceito “bom” e 22% apresentaram classificação “excelente” para este comportamento. Assim como as crianças C1, C2 e C3 demonstraram dificuldades na realização desses comportamentos.

No comportamento apendicular estimulado comunicativo as crianças C1, C2, C3 e C4 obtiveram escore negativo, assim como no estudo de Anzanello (2010)<sup>2</sup>, ao referir-se que nos abrigos, 13% das crianças apresentaram “atraso”, 17% apresentaram “risco” para atraso, 22% apresentaram classificação “regular”, 22% apresentaram classificação “bom” e 26% apresentaram classificação “excelente” para este comportamento.

O estudo em questão e o citado anteriormente demonstram que a interação social e a linguagem são domínios do desenvolvimento que geralmente encontra-se em atraso em crianças que vivem em instituição de abrigo.

Esses dados podem representar a realidade

nesses contextos onde a estimulação precoce do desenvolvimento pode não ocorrer devido a pouca quantidade de funcionários capacitados para esse tipo de intervenção.

Alexandre e Vieira (2004)<sup>1</sup> corroboram com os achados neste estudo em questão, segundo eles, as crianças institucionalizadas apesar de receber cuidados médicos e alimentares, tem atrasos no desenvolvimento motor (caminham tardiamente), demoram mais a falar e tem dificuldade para estabelecer ligações afetivas significativas. Os autores constataram também que, dentro dos abrigos, não é possível manter intimidade e cumplicidade, devido a grande proporção de crianças em relação aos adultos.

Barros e Fiamenghi Jr (2007)<sup>3</sup> em pesquisa sobre a interação afetiva de crianças abrigadas perceberam que em relação as crianças (em torno de 1 ano), observou-se que recebiam pouca estimulação por parte das monitoras. Aqueles crianças que ainda não andavam ou engatinhavam ficavam praticamente todo o tempo sentados em seus carrinhos ou em cercadinhos, acompanhados ou não de brinquedos.

Essa realidade também foi encontrada na instituição onde foi realizado este estudo, visto que anteriormente a aplicação da escala, a pesquisadora realizou um período de habituação no abrigo, o que proporcionou a observação da rotina das crianças. Através disso percebeu-se que com exceção dos momentos de higiene e alimentação, as crianças participantes dessa pesquisa, passavam a maior parte do tempo nos berços, carrinhos ou chiqueirinhos.

## CONCLUSÃO

Conclui-se que a EDCC mostrou-se um importante e eficaz instrumento para a avaliação do comportamento de crianças institucionalizados, visto que os domínios abrangidos pela escala oferecem um panorama do desenvolvimento dessas crianças, nos aspectos motores, cognitivos e sociais.

Através da aplicação da escala foi possível identificar áreas como a linguagem e a interação social que se encontram em atraso nas crianças investigadas. Medidas que auxiliam na estimulação de habilidades como essas e o acompanhamento dessas crianças torna-se imprescindível.

Logo, observa-se que o contexto institucional pode ser um bom contexto para o desenvolvimento das crianças abrigadas, porém necessita-se de um

maior número de investigações a cerca da temática do desenvolvimento nesse ambiente principalmente para as consequências que podem advir da vida adulta.

## SUMMARY

### EVALUATION OF THE DEVELOPMENT OF CHILDREN 6 TO 12 MONTHS

Andreza MOURÃO LOPES e Janari DA SILVA PEDROSO

**Objective:** To evaluate the development of children in an institutional setting. **Methods:** We evaluated four children, using the Scale Development of the Child Behavior - EDCC to know how these babies are in relation to motor, cognitive and social expected for their age. The research was used for the characterization of medical records of children and scale. **Results:** We found that 100 % of infants had a good development in both motor behavior and psychological, it was observed that in some behaviors that needed stimulation babies have fallen short in achieving behaviors, especially regarding the use of the upper limbs, language and social interaction. **Conclusion:** It is believed that the context of the shelter can be a good environment that fosters child development, but follow-up of these children it is essential to prevent possible delays in adulthood.

**KEY WORDS:** Child development, behavior, shelter, scale of development.

#### REFERÊNCIAS:

1. Alexandre D, Vieira M. Relação de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situação de abrigo. *Psicologia em Estudo*. 2004; 9 (2): 207-217.
2. Anzanello J. Oportunidades de estimulação, desenvolvimento motor e desenvolvimento social de crianças no primeiro ano de vida em diferentes contextos [dissertação] . Porto Alegre; 2010.
3. Barros RC, Fiamenghi Jr GA. Interações afetivas de crianças abrigadas: um estudo etnográfico. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2007; 12 (5): 1267-76.
4. Bayley N. Bayley Scale of Infants Development. 2 end. San Antonio: Psychological Corporation; 1993
5. Carvalho A. Crianças institucionalizadas e desenvolvimento: possibilidades e desafios. In: Lordelo, E; Carvalho, A; Koller, SH (Eds) *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2002.p. 19-44.
6. Cavalcante LIC. Ecologia do cuidado: Interações entre as crianças, o ambiente, os adultos e seus pares em instituição de abrigo [tese]. Belém; 2008.
7. Conselho Nacional de Justiça CNJ. Instituto de pesquisa econômica aplicada IPEA. Relatório da situação atual e critérios de aprimoramento. Brasília; 2012.
8. Nelson CA *et al*. The neurobiological tool of early human deprivation. *Monographs of the Society for Research in Child Development*. 2011; 76(4): 127-146.
9. Pajulo M *et al*. Substance-abusing mothers in residential treatment with their babies: Importance of pre- and postnatal maternal reflective functioning. *Infant Ment. Health J*. 2012; 33(1): 70-81.
10. Pinto EB. O desenvolvimento do comportamento da criança no primeiro ano de vida: padronização de uma escala para a avaliação e o acompanhamento. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1997.
11. Siqueira AC, Dell'Aglio DD. O impacto da institucionalização na infância e adolescência: uma revisão da literatura. *Psicologia & Sociedade*. 2006; 18(1): 71-80.

**Endereço para correspondência:**

Andreza Mourão Lopes

Rua Dr. Assis, Passagem Carneiro da Rocha, nº01

Cidade Velha, Belém-PA. CEP: 66020-160

Fone: (0xx91) 8181-4857

E-mail: [de\\_mlopes@hotmail.com](mailto:de_mlopes@hotmail.com)

Janari da Silva Pedroso

Rua Augusto Córrea, nº 01

Guamá, Belém-PA. CEP: 66075-110

Fone: (0xx91) 8289-3370

E-mail: [janaripedroso@hotmail.com](mailto:janaripedroso@hotmail.com)

Recebido em 15.01.2013 – Aprovado em 06.11.2013